

### MEIO AMBIENTE

# Opções para explorar a floresta amazônica, sem causar devastação

por Claudio Kuck de Manaus

O Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) há 35 anos estuda formas de desenvolver a região, e seu presidente, o biólogo e economista Herbert Schubart, garante que a vocação ecológica e econômica da Amazônia é florestal. Para ele, "o desenvolvimento do setor florestal baseado na exploração dos recursos naturais renováveis é a única maneira capaz de conciliar, a longo prazo, a valorização econômica e a ocupação humana da área, com a proteção ambiental e a conservação da natureza".

Schubart é contra as queimadas, mas defende a exploração racional da floresta pelas serrarias, destacando ainda o potencial extrativista amazônico, a industrialização de frutos e o aproveitamento de outras plantas, além do melhor aproveitamento do pescado. Ele lembra ainda o grande valor econômico indireto das florestas tropicais úmidas, que representam um fantástico banco de informações genéticas, químicas, bioquímicas e ecológicas, "despertando muita atenção dos países industrializados, pois, com os avanços da biotecnologia e da química fina, constituem o ponto de partida para novas tecnologias".

Schubart só lamenta que essas pesquisas científicas requerem altos investimentos, "enquanto o INPA, apesar de sua importância nesta hora em que o mundo cobra a preservação ecológica da Amazônia, está ameaçado de paralisar antigos e importantes estudos por falta absoluta de verbas". O orçamento de NCz\$ 8,3 milhões para 1989 do INPA foi vetado e seus 1.020 funcionários (284 pesquisadores) estão com salários atrasados e muitos pagando com recursos próprios os alimentos dos animais de laboratório para mantê-los vivos. Falta também combustível, papel, material de laboratório e muitos projetos sobre silvicultura, fruticultura e ecologia estão parados, sob ameaça de perder anos de pesquisas já realizadas.

Para o presidente do INPA, os empresários que investiam na Amazônia até agora não se preocupavam em preservar o meio ambiente e social, "seguinto uma política desenvolvimentista para fins imediatos, sem querer de maneira alguma aumentar seus custos para manter a ecologia e as riquezas amazônicas do futuro". Ele critica os incentivos fiscais que eram dados aos grandes projetos agropecuários, considerando um absurdo que o Imposto Territorial Rural seja maior para terras com florestas, incentivando, assim, "a derrubada irracional da mata e as queimadas, que por incrível que pareça se consideram benfeitorias".

Schubart diz que os grandes projetos agropecuários, de colonização e hidrelétricos liberam muita madeira com o desmatamento e aviltaram os preços do produto. Assim, os altos investimentos no setor madeireiro ficam inviabilizados, originando a exploração predatória, sem nenhuma reposição dos estoques. As madeiras empregam equipamento obsoleto, utilizado há trinta anos nas indústrias do Sul, ocasionando uma perda de 50% das toras.

O chefe da Divisão de Manejo Florestal do INPA, Joaquim dos Santos, defende a utilização da floresta tropical úmida de terras firmes (não das várzeas) como fonte de matéria-prima para as indústrias

madeiras, dizendo que as pesquisas demonstram que a ecologia não precisa sofrer com isso. Lembra que atualmente há 3 mil espécies produtoras de madeira catalogadas na Amazônia, mas só 24 têm atualmente mercado no exterior, e que o INPA desenvolve estudos para divulgar novas espécies, não utilizadas por falta de informações sobre suas características, para evitar a devastação de virolas, sumaumas, muiratingas e outras.

Dessa maneira, atualmente é necessário explorar milhares de hectares para se obter quantidades comerciais de madeira — a produção é de 20 metros cúbicos de uma espécie por hectare. "Com a diversificação, chegaremos a 80 metros cúbicos por hectare, tornando perfeitamente viável o manejo florestal sustentado, determinando ciclo dos cortes, fazendo monitoramento ecológico e evitando tirar madeira apenas das terras de várzea ao longo dos rios (só 2% da Amazônia é região de várzea).

Já Schubart, ao defender a exploração racional da madeira, adverte que não pode ser considerada como uma reserva mineral como até agora e ser extraída irreversivelmente. "É preciso ver a capacidade de crescimento e recomposição natural da floresta. Dizer que só a madeira da Amazônia pode pagar toda a dívida externa brasileira é bobagem, porque então seria necessário minerar as florestas." Ele prega a criação de florestas nacionais com exploração sustentada de seus múltiplos recursos, garantindo que o INPA tem muitos estudos para ajudar em tudo isso.

Schubart considera absurdo o desconhecimento da Amazônia por alguns países industrializados, como a Alemanha Ocidental, que ameaça proibir a importação de madeira tropical. "Assim só estarão incentivando o desmatamento irracional e as queimadas, porque a formação de pastagem continuaria a ser a alternativa errada de desenvolvimento amazônico."

O cientista Arthur Loureiro, do Centro de Pesquisas Produtos Florestais do INPA, também não vê grande perigo nas madeiras, mas sim nos grandes projetos agropecuários. Ele fala de plantas nativas com grande potencial para exportação que existem em abundância na Amazônia, como o pau de balsa, que, cortado, se regenera facilmente em cinco anos, "tendo mercado certo na indústria de aeromodelismo, para fazer piso de avião, podendo ser exportado para os Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Canadá e Itália".

Loureiro lembra ainda o grande potencial da floresta para produzir matérias-primas para indústrias de óleos, doces, compotas, fármacos e frutos. Ele cita como um dos exemplos a ucuúba que tem 35 espécies na Amazônia, servindo como fruto, também para fazer sabão e sabonete, graxa, fornecendo tanino extraído da folha e a casca ainda tem propriedades alucinógenas, enquanto a madeira é ótima para a indústria de compensados, "com a vantagem de ter um ciclo de regeneração de apenas dez anos".

O presidente do INPA acha que grandes projetos agroindustriais na Amazônia podem ter problemas ao centralizar focos de doenças vegetais que hoje ficam sob controle, porque estão separados entre as

## Como gerar riquezas

por Claudio Kuck de Manaus

O professor Samuel Benchimol, economista e um dos amazonólogos mais conhecidos na região, também considera que a Amazônia não deve ser mantida intocada, "podendo ser desenvolvida e gerar riquezas dentro de um prisma ecológico".

Ele diz ser impossível o País abrir mão da riqueza amazônica que gerou na economia agrícola no ano passado o equivalente a US\$ 1 bilhão, com igual quantia vinda da economia florestal extrativista, além de mais US\$ 500 milhões na pecuária e outros US\$ 5 bilhões de faturamento bruto na produção industrial da Zona Franca de Manaus.

O professor explica que isto ocorreu na Amazônia "clássica" que tem 8 milhões de habitantes. Levando em conta a Amazônia "legal" — que in-

clui partes de estados vizinhos — sua população de 16 milhões — o produto Interno Bruto (PIB) da região salta para US\$ 16 bilhões, sendo que a exportação, contabilizando a produção mineral do Maranhão, deve superar US\$ 2 bilhões neste ano.

Para que toda esta riqueza seja explorada e o futuro ecológico junto com o potencial amazônico não sejam corroidos, Benchimol prega a preservação de grandes parques nacionais, reservas biológicas, estações ecológicas, santuários de vida silvestre e sítios cênicos sem exploração de seus recursos.

Ele sugere, por outro lado, a demarcação de parques de caça e naturais, reservas de fauna e ecológicas, bem como das terras indígenas, "mas manejando os ecossistemas e utilizando racionalmente o usufruto auto-sustentado dos seus recursos".

diversas espécies da floresta.

Citou como exemplo o fracasso da Fordlândia com as seringueiras, mas para ele nada impede o funcionamento de sistemas econômicos agroflorestais pequenos e médios, que poderiam fornecer as matérias-primas para as grandes agroindústrias sem problemas.

O INPA também desenvolve pesquisas com produção de alimentos adaptados às condições ecológicas da Amazônia, levando em conta o solo de baixa fertilidade, o calor, a chuva e as pragas, mas com um potencial biológico das plantas elevado. "Assim, é possível o cultivo perene ou semiperene, mas sem ênfase nos cultivos anuais", diz Schubart.

O INPA tem muitos estudos mas enfrenta dificuldades para repassar novas técnicas e propor outros tipos de exploração da flo-

resta, principalmente porque há poucos técnicos qualificados nas comunidades, nos governos dos estados amazônicos, na Suframa e nos bancos que poderiam aprovar os investimentos. "Por isso, o INPA muitas vezes é acusado de manter suas pesquisas em torres de marfim, mas não é verdade. Queremos interlocutores e ser ouvidos nos planos amazônicos, principalmente nesta discussão atual. Um avanço é que o programa Nossa Natureza pela primeira vez colocou o governo pensando em desenvolver a região, mas em harmonia com o meio ambiente", desabafa Schubart.